

Hipárquia, ou o ápice da radicalidade do cinismo

Juliana Aggio

UFBA

RESUMO

O presente texto procura evidenciar o cunho filosófico da escolha, do modo de vida e das ideias e atitudes corajosas de Hipárquia de Maroneia em abandonar sua família e sua cidade de origem, assim como a classe social aristocrática e o papel de esposa-mãe-governanta da casa, para poder viver a filosofia canina. Tais atitudes fazem desta filósofa uma questionadora não somente dos costumes sociais juntamente com os cínicos, mas do papel da mulher, levando a filosofia cínica à prova máxima de sua radicalidade.

PALAVRAS-CHAVE

Hipárquia; cinismo; radicalidade; filosofia canina.

ABSTRACT

The present text seeks to highlight the philosophical nature of the choice, the way of life and the courageous ideas and attitudes of Hyparchia of Maroneia in abandoning her family and its hometown, the aristocratic social class, the role of wife-mother-governess of the house in order to live the canine philosophy. Such attitudes make this philosopher a questioner not only of social customs, along with the Cynics, but of the role of women, taking Cynic philosophy to the ultimate proof of its radicality.

KEY WORDS

Hyparchia; cynicism; radicality; canine philosophy.

Escrevo sobre Hipárquia não por ter sido uma filósofa entre filósofos, mas por ter sido a filósofa que, enquanto mulher, conduziu o cinismo a uma radicalidade ainda não alcançada. Se a filosofia cínica se caracteriza por questionar as convenções, quais destas ainda poderiam ser abaladas quando uma mulher toma a palavra filosófica?

Nascida por volta do ano 330 a.C., em Maroneia Hipárquia foi excluída, como toda mulher, do direito à voz e à cidadania em uma *polis* grega, mas soube fazer uso da *parresia* – coragem de se fazer livre para falar o que se pensa em público – como arma filosófica e política. Soube, além disso, viver um modo de vida cínico, seguindo com austeridade os princípios de liberdade, de desapego, de autossuficiência (*autarkeia*) e de contestação das normas e dos costumes, expondo seu próprio corpo sem pudor. Soube, enfim, viver como uma cínica, isto é, uma cadela – donde vem o termo *kyôn/kynos* que dá origem à terminologia filosófica *cinismo* (*kynismos*) –, ressignificando tal termo que sempre foi atribuído pejorativamente às mulheres¹. Viveu como uma cadela entre cachorros; e, entre caninos, não há hierarquia social nem inferiorização da fêmea. De modo que, talvez, tenha sido por isso que Hipárquia ousou viver como uma filósofa, e, talvez, pelo fato de ter contestado as convenções de gênero, tenha sido a primeira filósofa com atitudes feministas de que se tem conhecimento no ocidente.

Não obstante, são escassas as fontes sobre sua filosofia, raros os testemunhos e quase inexistente o comentário sobre o pouco de que se sabe de sua vida e de seus pensamentos. Talvez não fosse assim se se tratasse de um homem, afinal, são inúmeros os testemunhos sobre os filósofos que escreveram e mesmo sobre os que nada escreveram, como Sócrates, ou entre aqueles da própria filosofia cínica, como Diógenes de Sinope. Sendo assim, das fontes sobre Hipárquia², utilizarei aqui sobretudo a mais confiável delas para desenvolver meu argumento: a *Vida e doutrina dos filó-*

¹ Desde a Grécia Antiga se associava a mulher à cadela de modo pejorativo. No poema de Hesíodo, *Teogonia*, a figura do cão faz referência à astúcia, ao ludíbrio, à dissimulação, donde se explica a atribuição negativa do termo cadela à mulher e a Pandora que, segundo a mitologia grega, deu origem à raça das mulheres. Como diz Vernant (1975), “em Pandora, o interior [...] consiste em um espírito de cadela, um temperamento de ladra, uma voz feita para a mentira e o engano (Op., 67 e 78), mas essa ‘cadelice’ [chiennerie] interna (o κακόν) é dissimulada sob uma aparência sedutora (o καλόν)” (p. 759-760). Na peça *Agamenon*, de Ésquilo, Clitemnestra é chamada de cadela odiosa (v. 1228) por ludibriar seu esposo e conseguir assassiná-lo. Como se pode notar, a imagem do cachorro é ambígua: denota tanto amizade e fidelidade, quanto falsidade e ultraje. A mulher é comumente associada à cadela desde a Antiguidade pelo viés negativo. Assim, Hipárquia, ao se tornar uma cadela rompe essa tradição ressignificando o termo e fazendo uso do mesmo para afirmar seu lugar de filósofa.

² A parca doxografia é a seguinte: Diógenes Laércio (vi, 88-89 e 96-98), *Suda*, Iota,517: verbete Hipparchia, e, kappa,2341; verbete *Crates*; Musonio Rufo, 16, p. 70, 11-17 H (= Estobeo, iv, 22, 20); Epicteto, *Diatribes*, 3.22.76; Sexto Empírico, *Esboços pirrônicos*, 1.14.153 e 3.24.200; Simplicio, *Comentário ao Manual de Epicteto*, 32; Teodoro-reto, *Cura das enfermidades gregas*, xii, 49; Clemente de Alexandria, *Stromata*, iv, xix, 121, 6; Santo Agostinho, *Réplica a Juliano (obra inacabada)*, iv, 43, e *Cidade de Deus*, xiv, 20; Antípatro de Sidon, *Antologia Palatina*, vi, 413; e Plutarco, *Obras morais*, Sobre a impossibilidade de viver aprazivelmente segundo Epicuro: 2, 1086f.

sofos ilustres, de Diógenes Laércio. Mas é sabido que, embora nenhum dos seus escritos tenha sido preservado, ela teria sido autora de alguns ensaios e de tratados filosóficos, tais quais: *Hipóteses filosóficas* (*Philosophon hypotheseis*); *Epiqueremas* (*Epicheiremata*); *Silogismos incompletos ou de probabilidades*; e *Questões* (*Protaseis*) para Teodoro de Cirene, o Ateu. Ademais, é preciso assinalar que as fontes são poucas também pelo fato de os cínicos não terem cultivado a arte de escrever suas doutrinas, pois concebiam a filosofia como modo de vida cuja transmissão se fazia antes pela ação e pelo exemplo do agir filosoficamente do que pela escrita, pela leitura e pela memorização de preceitos.

Ora, a filosofia cínica poderia ser denominada uma filosofia canina por seus adeptos ousarem, como cães altivos e mordazes que não devem nada a ninguém, subverter a ordem e desafiar toda norma e moralidade. Os cínicos cultivavam a coragem como uma de suas principais virtudes, por meio de uma disciplina (*askêsis*) austera que livrava a mente da servidão do dogmatismo, das perturbações morais e mesmo das confusões filosóficas, bem como fortalecia o corpo para enfrentar as dores e as adversidades da vida.

Ao contrário de uma sociedade que aposta no adormecimento da dor e no hedonismo excessivo, como a nossa, por exemplo, os cínicos preconizavam não evitar, nem aplacar as dores com medicamentos, mas enfrentá-las corajosamente, pois acreditavam advir daí o fortalecimento. Desse modo, a filosofia cínica é própria de quem vive como um animal, um cão mais propriamente, em matilha ou solitário, com o mínimo de que precisa para sobreviver e, assim, exerce a maior liberdade que se poderia. Ou seja, bastar-se com o que se tem ao alcance das mãos e assim ser o mais autossuficiente possível e não estar submetido a padrões de comportamento restritivos ou repressivos, além de cultivar a coragem de falar em público, a *parresia*.

Mesmo diante da autoridade de Alexandre, o Grande, Diógenes, o cão, lhe disse: “És poderoso demais para precisares de mim, e eu autossuficiente demais para precisar de ti” (*DL*, 6.38). Quando Alexandre se aproximou e lhe indagou para que, porventura, precisaria dele, Diógenes respondeu com a franqueza mordaz que lhe convém: “sai da frente do sol” (*DL*, 6.38). Ou seja, Diógenes fala como um cão que morde, e a *parresia* é antes a palavra que choca do que a que seduz e se esforça por persuadir o outro. O mote não é convencer, mas provocar, chocar, sacolejar, deslocar, deixar o outro não no lugar confortável da crença, mas no desconforto do desamparo. Não se trata, com efeito, de uma busca pela verdade que, depois de ser alcançada, deveria ser demonstrada ou adornada com belas palavras para seduzir e convencer o discípulo, mas da desconstrução no corpo das verdades assumidas e naturalizadas, das convenções banalizadas, da tentativa de seguir uma moral que não faz sentido ou que, antes disso, é hipócrita e nos adocece.

Diante da brevidade da vida, é preciso se livrar do apego ao passado e ao futuro, vivendo o presente como se fosse único e cada dia como se fosse o último. Diógenes era chamado de efêmero (*ephēmeros*) por sua capacidade de viver apenas o aqui e o agora. A felicidade (*eudaimonia*), objetivo da filosofia canina, reside, segundo ele, na liberdade de depender minimamente de bens e de outrem: quanto menos eu tenho e quanto mais desapegada eu sou, mais tempo terei para me dedicar a mim mesma e menos sofrerei se tiver pouco a perder.³ Esse mundo, dizia Diógenes, é como um mercado em que o viajante sensato só compra o que irá lhe sustentar em sua jornada. O verdadeiro poder está em ser autossuficiente e livre, e não em colecionar títulos, honrarias e bens. É simples ser feliz. É na simplicidade que está a felicidade.

Mas para tanto é preciso remar contra a correnteza, distanciando-se da trajetória da maioria das pessoas. Esse despojamento como cerne da vida canina significava não ser escravo de seus desejos e prazeres; enfrentar com austeridade e determinação as dores físicas e psíquicas; não se submeter ao poder para cumprir demandas; não se inibir diante de poderosos; colocar a própria vida em risco para exprimir o que se pensa; enfim, preceitos que norteiam o modo de vida filosófico de quem é capaz de viver como um cão. Viver de tal modo significava viver livre das imposições normativas e moralizantes demasiadamente humanas. Viver como um cão é viver em conformidade com a natureza, o que não significa viver uma vida bestial ou animal – no sentido pejorativo comumente atribuído a esses termos –, mas viver como um animal e como um ser que possui razão, sem dissociar, portanto, a animalidade da racionalidade e assim colocar, como fez praticamente toda a tradição filosófica, sobretudo a platônica-aristotélica⁴, a razão acima do que é dito animal: o corpo e suas necessidades elementares. Viver como um cão é viver de forma indistinta animalidade e racionalidade. Segundo Navia:

Os cães, ao menos os selvagens e os de rua, vivem em completo acordo com a natureza. Para eles, nem convenções, nem normas complicadas, nem etiquetas, nem costumes, nem o jeito mais decoroso de fazer as coisas, nem a distinção entre o certo e o errado têm significado algum. Pertencem a país nenhum,

³ Como disse Sêneca: “É preciso considerar [segundo Diógenes] quão menos doloroso é não ter nada a perder e é preciso compreender que o pobre terá menos a sofrer se tiver menos a perder” (*Da tranquilidade da alma*, VIII, 2).

⁴ O tema é evidentemente polêmico e não caberia aqui um aprofundamento, todavia, o cinismo parece ser um ponto de desvio na tradição platônica-aristotélica que preserva o dualismo animalidade e racionalidade, e postula o humano como hierarquicamente superior ao animal. Conforme a clássica definição de ser humano como animal racional, o que distingue e eleva à superioridade o humano em relação aos demais animais é a racionalidade, isto é, a racionalidade é a diferença específica que lhe faz ser uma espécie distinta das demais espécies animais. Simodou (2004), em suas *Dois lições sobre o animal e o homem*, procura mostrar certos matizes dessa diferenciação e mesmo cisão na Antiguidade. Para tanto ver Ramos, 2019.

nunca selaram aliança a nenhuma bandeira, nem estão sujeitos a título ou propriedade alguma (Navia, 2009, p. 167).

Diógenes dizia que aprendeu a viver bem observando um camundongo e, deveras, vivia como um cão (definição que ele mesmo se atribuía): satisfazia suas necessidades em público, comia carne crua, desafiava qualquer autoridade e mordia com a palavra. Sem casa (*oikos*) e sem cidade (*apolis*), dizia ser um “cidadão do mundo” (DL 6.66), um cosmopolita (*kosmopolitês*)⁵, que habitava as ruas ou, feito um caracol, carregava sua casa, isto é, seu tonel.

O resultado dessa prática filosófica é poder viver uma vida simples, despojada de bens, autossuficiente, e, portanto, livre. Filosofar como um cão ou fazer uma filosofia canina significava retirar a filosofia do Olimpo e vivê-la em ações que falam por si e não como discursos que se pretendem verdadeiros e capazes de conduzir ações. O *logos* não é o protagonista que conduz a práxis e instaura um modo de ser (*ethos*), mas um auxiliar ou coadjuvante da práxis que, por sua vez, instaura um modo de ser filosófico. Dissociado de uma ação ou incoerente a um modo de conduta, o *logos* era desprezado como erudição vazia. Assim, a filosofia cínica não encontrava assento na produção de discursos, mas se fazia vívida e presente no modo de agir e viver. Diógenes “relutava em usar a linguagem discursiva para dar expressão a seu pensamento. Preferia mostrá-lo e exemplificá-lo através da ação e de gestos a dar um apanhado linguístico dele” (Navia, 2009, p. 159).

Se eu pudesse, mesmo que caricatamente, atribuir um tipo de desejo a ser cultivado na boa medida por cada filosofia helenística, eu diria que a Epicurista é o cultivo da *epithumia*, o desejo frugal, simples e moderado pelo prazer, que o Estoicismo é o cultivo da *boulêsis*, o desejo de seguir a própria razão enquanto manifestação coerente consigo mesma e em harmonia com a razão universal, e que o cultivo do *thumos*, o desejo ardoroso e vigoroso no enfrentamento da dor e na determinação da ação corajosa para viver a própria liberdade, é próprio do Cinismo.

Os cínicos rejeitavam não apenas a ordenação acadêmica das escolas filosóficas, como todo e qualquer costume e tradição. Além da prática da contravenção, contraconduta e *parresia*, eles expunham seus próprios corpos com ousadia e sem pudores em praça pública. Parresiastas, sabiam fazer valer a força de suas palavras nas suas ações, nos modos de vida e na prática de discursos livres e francos, a partir do lugar de não cidadão grego, uma vez que, para ter direito à fala pública, era necessário ser homem livre e proprietário. Diógenes não tinha propriedade alguma, então lhe restava a coragem de impor à *polis* um lugar de fala, ali onde não lhe era permitido se expressar.

⁵ Termo possivelmente cunhado por Diógenes segundo Navia, 2009, p. 179.

Neste contexto, a coragem de Hipárquia teve de se redobrar em um duplo enfrentamento: ela não era homem e não tinha propriedade. Segundo a formulação de Kennedy, Hipárquia fazia frente a um duplo exílio social: o exílio de sua cidade natal e sua família aristocrática, e o exílio de não pertencer ao gênero masculino e se recusar à vida doméstica destinada às mulheres (Kennedy, 1999). A ousadia de abandonar uma família rica para viver com Crates, homem desprovido de dotes, rendeu-lhe, de um lado, o exílio de uma vida sem posses, dotes ou poder, mas, por outro, libertou-a do que lhe fora destinado: cuidar da casa, dos filhos e do marido.

Crates tenta dissuadir Hipárquia de seu projeto, mas ela acaba por contrariar sua família, resolve partir e viver como *uma cadela ao lado de seu companheiro cão*. Temos assim um casal que rompe uma tradição de classe, quando a aristocrata resolve se casar com um homem desprovido de bens e que subverte os costumes ao praticarem sexo em praça pública⁶, tal qual fazem os cães. Seguíam *os passos do mestre Diógenes* que “se masturbava em plena praça do mercado e dizia: ‘seria bom se, esfregando também o estômago, a fome passasse!’” (DL 6.2.46). Ora, se podemos comer em público, por que não poderíamos também nos masturbar? Afinal, a distinção entre o público e o privado serve para quê? Por detrás desse questionamento nada trivial encontra-se o seguinte raciocínio: o privado não deveria existir, pois poderia ser feito em público, de modo espontâneo e natural, aquilo de que não há que se envergonhar.

O ser humano deveria se comportar conforme sua natureza: um animal não domesticado e livre como cães que habitam o mundo e fazem tudo às claras. Trata-se de uma filosofia que coloca em prática o preceito de Diógenes segundo o qual “tudo se deve fazer em público” (DL 6.2.69), ou seja, tudo deveria ser público, nada privado. Não há do que se envergonhar, algo a se esconder ou a dissimular. As quatro paredes servem para proteger e manter uma moral hipócrita. As convenções, por sua vez, não servem senão para enfraquecer o espírito e distorcer o comportamento, pois docilizam, domesticam e alimentam temores próprios aos pudores. Franqueza e transparência são atitudes corajosas e coerentes com uma vida que nada tem a temer e a esconder. Tudo pode ser falado. Tudo pode ser mostrado. Tudo pode ser visto. A vergonha *encoberta* a fraqueza, a covardia, a debilidade, a vilania, o erro, o abominável. A vida canina, ao contrário, é uma vida crua e nua, *vivida às claras e reluzente* como a luz do dia.

Assim se casaram Hipárquia e Crates, mas viveram uma vida distante dos padrões normativos que regiam o matrimônio grego. Eram, de fato e por decisão, como denominou Crates, um casal canino (*kynogamia*) (Suda, Kappa, 2341). Trata-se de

⁶ Segundo testemunhos de Apuleio e escritos do Cristianismo tardio.

um casamento que rompe duas tradições: (i) o ato sexual é feito em público, desfazendo a distinção público-privado; e (ii) a mulher não cumpre sua função de esposa-mãe-governante da casa. Hipárquia definitivamente não cumpriu o lugar esperado de mulher recatada e do lar.

Ademais, é de se presumir que o casamento não poderia ser sacramentado pelos cínicos, pois estes desprezavam as regras morais tradicionais e prezavam a autossuficiência acima de tudo. Estimar a humanidade na perpetuação da espécie é tão pífio que mereceria uma gargalhada cínica⁷. Como nos lembra Epiteto (*Diatribes* 3.22.67-76), uma vida casada pode nos desviar da vida filosófica, tornando-nos apegados a quem amamos e sem domínio de nós mesmos, de nossos prazeres e desejos, sobretudo após a chegada de filhos.

Seguindo essa concepção, Crates, numa última tentativa de dissuadi-la a ser sua companheira, se posta diante de Hipárquia desprovido de posses e desnudo e diz: “Este é o noivo, aqui estão seus pertences; faça sua escolha conforme me vê; pois você não será minha ajudante, a menos que você compartilhe de minhas buscas” (*DL* 6.96). Também teria dito, segundo outro testemunho: “Ali está todo o meu material! E seus olhos podem julgar a minha beleza. Tome um bom conselho, para que mais tarde eu não a encontre reclamando de seu lote” (*Apuleio*, 1909). A determinação de Hipárquia, porém, não é abalada. Ela insiste em deixar o conforto da vida aristocrática para viver uma vida de austeridade canina, e passa a usar roupas masculinas semelhantes às dos filósofos cínicos (andava descalça, com um manto e um cajado), algo testemunhado por Antípatro (2016), segundo o qual ela teria dito:

Eu, Hipárquia, não seguirei os hábitos de meu sexo, mas com coragem viril, os de cães fortes. Não me agradam a joia sobre o manto nem as amarras para os meus pés, nem lenços de cabeça perfumados; antes com um cajado, descalça e quaisquer coberturas sobre meus membros, e solo duro em vez de uma cama, o meu nome será maior do que Atalanta: pois a sabedoria é melhor do que a corrida de montanha.

Se a radicalidade da filosofia cínica é até hoje passível de provocar espanto e desconforto, há de se perguntar sobre seus efeitos quando a apreendemos a partir desta posição filosófica de Hipárquia, não só com relação à sociedade da qual os cínicos se colocam de bom grado à margem, mas com relação às próprias hierarquias tradicionais supostamente eliminadas pelo modo de vida canino. Imbuída de uma mi-

⁷ Como diz Diógenes na carta 47: “Quem confiar em nós [os cínicos] permanecerá solteiro; aqueles que não confiarem em nós criarão filhos. E se a espécie humana um dia deixar de existir, deve haver tantos motivos de arrependimento quanto poderia haver se moscas e vespas acabassem”.

santropia dramática da qual desponta a misoginia – se alguns testemunhos atribuídos a Diógenes forem verdadeiros –, a filosofia canina não fora mais afeita à recepção das mulheres em seu interior do que as demais. Diógenes, vendo uma árvore com algumas mulheres enforcadas pendentes como frutas, teria supostamente dito: “eu gostaria que toda árvore estivesse carregada de semelhante fruta” (*DL* 6. 52). E vendo uma mulher sendo carregada em uma liteira, teria dito: “a jaula não está retendo o seu conteúdo” (*DL* 6.51).

No entanto, por sua coragem e ousadia em seguir uma vida filosófica canina, Hipárquia foi reconhecida como filósofa por Diógenes e por Crates. Em uma carta endereçada a ela, Diógenes teria escrito: “eu te admiro pelo ímpeto com o qual, *embora seja uma mulher*, ansiou a filosofia e se tornou parte de nossa escola, impressionando até mesmo os homens por sua austeridade” (*The Cynic Epistles*, 27, 2006, *grifo meu*). Crates também a elogiou em carta, admitindo-a como igual tanto por natureza, como na filosofia: “fique firme e viva a vida cínica conosco, pois você não é por natureza inferior a nós, já que as cadelas não são por natureza inferiores aos cães machos” (*The Cynic Epistles*, 29, 2006).

Como se vê, trata-se de um reconhecimento baseado na pressuposição de inferioridade da mulher. Ora, mesmo que o elogio de Crates não pressuponha a inferioridade feminina, chama a atenção justamente a necessidade de se fazer tal “elogio”. Hipárquia teria sido, portanto, uma exceção entre as mulheres ao adotar a vida canina e se tornar filósofa. Do ponto de vista dos filósofos, a filósofa canina escaparia da hierarquia entre os sexos porque entre cachorros não há assimetrias. Mas vimos que este elogio ao escape não faz sentido senão num contexto misógino, o que faz com que na vida de cadela *resida* uma radicalidade ainda maior do que aquela esperada dos cínicos, pois ela questiona, com seu corpo e presença, o que seus companheiros homens não puderam desafiar, a saber: os pressupostos ligados ao sexo ou, ainda, aos papéis de gênero, mesmo que estes tenham de ser compreendidos em seu contexto histórico.

Em poucas palavras, se os cínicos intencionavam subverter *todas* as convenções, faltava-lhes para isso a presença de uma mulher filósofa, capaz de questionar convenções, tradições e valores vinculados ao sexo e ao gênero, presentes não apenas na sociedade grega, como também no interior da própria filosofia cínica. Nada poderia ser tão radicalmente cínico do que uma filósofa que, com seu próprio corpo, escancarasse a desigualdade entre homens e mulheres e as opressões sexistas que insistem em inferiorizá-la e em retirar-lhe o lugar de filósofa simplesmente por ela ser mulher.

Se as atitudes da filósofa a alçaram ao escalão da filosofia no século IV a.C., isso não foi devido ao reconhecimento masculino dos cínicos, mas à sua desenvoltura de pensamento, à coragem de desafiar o lugar social da mulher para viver uma vida filosófica

e à escolha de fazer do tear seu estudo, e assim tecer seu tempo com linhas do pensamento, como aponta Michèle Le Dœuff em seu livro *L'Étude et le Rouet. Des femmes, de la philosophie, etc.* (*O Estudo e o Tear. As mulheres, a filosofia, etc.*, 2008). Entre o estudo e o tear, Hipárquia recusa o que lhe fora destinado pelo seu sexo, o tear⁸, e escolhe fazer o que até então era quase que exclusivamente masculino: filosofar.

Talvez não se possa dizer que ela foi a primeira feminista, tal como a definiu Ethel Kersey (1989), uma vez que, a meu ver, ser feminista significa não apenas viver com maior liberdade em relação à maioria das mulheres ou sofrer menos com as opressões machistas, mas lutar para eliminar o machismo que oprime todas as mulheres. Ela pode ter tido atitudes afirmativas do ponto de vista feminista, mas talvez seja demasiado afirmar que fora a primeira feminista. Ela, certamente, soube fazer de sua exclusão da filosofia como mulher uma potência de crítica transformadora ou, como disse Kennedy (1999, p. 51), soube também usar a força de seu duplo exílio: exílio da filosofia por ser mulher, e exílio como cidadã por ser cínica, vivendo como uma cadela que pertence à rua e ao mundo.

De acordo com Diógenes de Laércio, num banquete de Lisímaco, Hipárquia, com atitude filosófica e, poderíamos nesse caso arriscar a dizer, feminista, refuta o ateísta Teodoro com as seguintes palavras:

Qualquer ação que não seria considerada errada se feita por Teodoro, tampouco seria considerada errada se feita por Hipárquia. Teodoro não faz nada de errado quando se ataca; logo, Hipárquia não faz nada de errado quando ataca Teodoro⁹. Este não teve resposta para argumentar, mas procurou tirá-lhe a roupa; Hipárquia não demonstrou o menor espanto ou perturbação, como haveria feito outra mulher. E quando Teodoro lhe disse: 'É esta quem abandonou a lançadeira junto ao tear?' Hipárquia respondeu: 'Fui eu, Teodoro, mas acredito que tomei uma decisão errada se dediquei à minha educação o tempo que teria dedicado ao tear?' (*DL* 6.7.97-98).

O que vemos é a resposta filosófica de uma mulher a um homem que não consegue contra-argumentar, e que prefere tentar humilhá-la ao despir-lhe as vestes em público. Embora seja moralmente humilhante ser despida em público, para quem pratica a falta de vergonha (*anaideia*) e faz sexo em praça pública, isto não seria exatamente uma humilhação: eis a liberdade diante da prisão dos costumes e da

⁸ Desde a disputa de Atena e Aracne, uma jovem lídia com habilidade extraordinária na arte de bordar, em que a deusa, invejosa de sua fama e vendo que perderia a competição, a transforma em aranha, donde se deriva o termo aracnídeo, até a conhecida espera de Penélope pelo regresso de seu amado Odisseu, que bordava e desfazia seu bordado durante a noite para despistar os pretendentes que aguardavam a sua decisão a ser tomada ao fim do bordado pela escolha de um novo marido, o tear era uma arte ao encargo das mulheres na Grécia Antiga.

moral. O ato agressivo não teve o efeito que Teodoro desejava e a reação de Hipárquia foi seu exemplo: o gesto corporal de permanecer intacta e sóbria diante da provocação. Em seguida, outra estratégia opressiva é utilizada pelo homem ferido: ele lança uma pergunta indireta, para que todos do banquete ouçam, também procurando humilhar Hipárquia porque esta não teria, enquanto mulher, cumprido a sua função social de se dedicar ao tear. Essa aqui, diz Teodoro em alto e bom som apontando para Hipárquia, é quem abandonou o tear, portanto, uma mulher desgarrada, depravada, rebelde e que deveria, pelos bons costumes, ser punida e não estar aqui num banquete de homens atacando um conviva respeitado como ele.

A resposta de Hipárquia foi exemplar: ao invés de responder procurando se defender, ela contra-argumentou de forma silogística, primeiramente e, em seguida, na forma de uma pergunta, afirmando assim sua liberdade de escolha em dedicar seu tempo à filosofia apesar das interdições sexistas de sua época. A despeito de sofrer opressões por ser mulher, ela soube reivindicar o lugar de filósofa ao usar com maestria um artifício clássico da retórica cínica: lançar mão de um silogismo deliberadamente cômico para tratar de um assunto sério (*spoudogeloion*). A primeira premissa é “Nenhuma ação seria considerada errada se feita por Teodoro ou por Hipárquia”; a segunda premissa é “Teodoro não faz nada de errado quando se ataca”; conclusão: “logo, Hipárquia não faz nada de errado quando ataca Teodoro”. Silogisticamente, ela prepara o terreno para mais um ataque filosófico. Em seguida, Hipárquia lança o seu xeque-mate com sua resposta-pergunta a Teodoro: “acreditas que tomei uma decisão errada se dediquei à minha educação o tempo que teria dedicado ao tear?”. Em outras palavras, ela afirma-se filósofa ao dizer que dedicou ao estudo o tempo que, por conta de seu sexo, deveria ter dedicado ao tear.

Segundo Michèle Le Dœuff, a metodologia argumentativa de Hipárquia foi genial, porque, ao invés de procurar mostrar que a mulher é oprimida e que deveria ter a liberdade de cumprir outra função do que a que lhe fora socialmente designada, ela coloca uma questão filosófica: a escolha sobre o uso do tempo de vida. A pergunta não é se ela poderia ou não ter escolhido se dedicar ao estudo, mas se foi uma escolha acertada ou não, e, no frigidar dos ovos, se ela não seria livre para fazer essa escolha, a despeito das determinações sexistas (Le Dœuff, 2008). Hipárquia soube fazer do tear o seu estudo, da lançadeira os seus pensamentos filosóficos, e assim teceu sua filosofia, a despeito de toda opressão, e não obstante o apagamento sofrido por conta de uma história que não soube lhe narrar.

Palavra como afeto engajado e posicionamento encarnado: um modo filosófico de viver no corpo e de persistir com coragem diante das piores adversidades. Assim vivia Hipárquia, a cadela filósofa que sabiamente gozou de uma liberdade sem precedentes,

mulher transgressiva-subversiva, mulher que ousou abandonar as convenções do casamento e da maternidade, mulher que se recusou a se submeter ao que parecia ser uma fatalidade do destino biológico e social de seu gênero para, enfim, filosofar, levando assim, por sua própria existência, o cinismo a uma radicalidade ímpar.

Bibliografia

- Antípatro de Sidon (2016), *Antologia*, III, 12, 52. In: Redmond, F. (ed.; trad.). *Crates and Hipparchia: Cynic Handbook of Source Material for Crates and Hipparchia*. Mênin Web and Print Publishing. E-book Kindle.
- Apuleio (1909). *The Apologia and Florida of Apuleius of Madaura*. Trad. H. E. Butler. Clarendon Press: Oxford. In: Redmond, F. (ed.; trad.). *Crates and Hipparchia: Cynic Handbook of Source Material for Crates and Hipparchia*. Mênin Web and Print Publishing. E-book Kindle.
- Calvo, J. M. (2018). “Viviendo en co-herencia com la filosofía cínica: Hiparquia de Maroneia”. *Co-herencia*, vol. 15, nº 28, Enero-Junio, p. 111-131.
- Clemente de Alexandria. (2016) *Stromates*, IV.19. In: Redmond, F. (ed.; trad.). *Crates and Hipparchia: Cynic Handbook of Source Material for Crates and Hipparchia*. Mênin Web and Print Publishing. E-book Kindle.
- Diógenes Laércio. (1987) *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*, Brasília: Ed. UnB.
- Epicteto (1993). *Disertaciones por Arriano*. Trad. Paloma García. Madrid: Ed. Gredos.
- Kennedy, K. (1999). “Hipparchia the Cynic: Feminist Rhetoric and the Ethics of Embodiment”. *Hypatia* Vol. 14, No. 2 (Spring), p. 48-71.
- Kersey, E. M. (1989). Hipparchia the Cynic. In *Women philosophers: A biocritical sourcebook*. New York: Greenwood Press.
- Le Dœuff, M. (2008). *L'Étude et le Rouet. Des femmes, de la philosophie, etc.* Éditions du Seuil. Edição do Kindle.
- Waith, M. (org.) (1992) *A History of Women Philosophers, vol. 1. Ancient Women Philosophers, 600 B.C.-500 A.D.* (1987). Kluwer Academic Publishers Unrevised reprint.
- Navia, L. E. (2009) *Diógenes, o cínico*. Trad. João Miguel Moreira Auto. São Paulo: Odyseus Editora.
- Malherbe, A. J. (org.) (2006) *The Cynic Epistles: A Study Edition*. Trad. Benjamin Fiore; Ronald Hock; Anne McGuire; Stanley Stowers; David Worley. 3.ed. Atlanta: Society of Biblical Literature.
- Pereira, I. (2015) “Avant-propos: un devenir Hipparchia”. In: Lethierry, H. (org.). *Hipparchia, mon amour! Saint-Jean des Mauvrets*: Éditions du Petit Pavé. p. 7-15
- Ramos, S. S. (2019) Merleau-Ponty e Simondon: sobre o animal e o humano. *Dois Pontos*, vol. 16, n. 3, p. 137-146, julho de 2019.

- Redmond, F. (2016) *Crates and Hipparchia: Cynic Handbook of Source Material for Crates and Hipparchia*. Mênin Web and Print Publishing. Edição do Kindle.
- Sêneca. (2009) *Da tranquilidade da alma*. Trad. Lúcia Rebello; Ellen Vranas. Porto Alegre: Editora L&PM.
- Simondon, G. (2004) *Deux leçons sur l'animal et l'homme*. Présentations de Jean-Yves Chêtau. Paris: Ellipses.
- Suda (2016), *Lexicon*, s.v. “Hipparchia”. In: Redmond, Frank (ed.; trad.). *Crates and Hipparchia: Cynic Handbook of Source Material for Crates and Hipparchia*. Mênin Web and Print Publishing. Edição do Kindle.
- Suda Online (2002) Trad. Ross Scaife. 26 November 2002. Disponível em: www.stoa.org/sol-entries/iota/517. Acesso em 13 de janeiro de 2021.
- Vernant, J. P. (1975). Le mythe prométhéen chez Hésiode. In: *Œuvres: Religion, Rationalités, Politique I*. Paris, Éditions du Seuil, p. 751-764.